

## **Breve História da Bioética na Faculdade de Medicina da Bahia, UFBA, e na Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia**

### **A Short History of Bioethics at the Faculty of Medicine of Bahia, UFBA and at the State University of Feira de Santana, Bahia**

José Tavares-Neto<sup>1</sup>, Eliane S. Azevêdo<sup>2</sup> e Maria da Glória Sampaio Gomes<sup>3</sup>  
*Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia<sup>1,2</sup>,  
 Universidade Estadual de Feira de Santana<sup>3</sup>*

A Bioética, no Estado da Bahia, apresenta história consolidada na Faculdade de Medicina Bahia, UFBA e na Universidade Estadual de Feira de Santana. Na primeira, as atividades começaram com o ensino da disciplina no Programa de Pós-Graduação em Medicina e Saúde desde 1994 e mais recentemente, em 2005, fortificou-se com a criação oficial do Núcleo de Bioética na própria Faculdade de Medicina da Bahia, abrindo, assim, a oportunidade para pesquisas na área. Na Universidade Estadual de Feira de Santana, UEFS, as atividades de Bioética tiveram início com a criação do Núcleo de Bioética em 1998, seguida da criação de disciplinas nos cursos de graduação em Biologia e em Enfermagem e, também, no Curso de Mestrado em Saúde Coletiva. As criações, na UEFS, do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos e do Comitê de Ética no Uso de Animais ocorreram sob a orientação do Núcleo de Bioética dessa instituição.

**Palavras-chave:** Bioética, Faculdade de Medicina da Bahia, UFBA, UEFS.

---

*In the State of Bahia, Brazil, Bioethics is well established at the Faculty of Medicine of Bahia, Federal University of Bahia (UFBA), and at the State University of Feira de Santana (UEFS). At the Faculty of Medicine of Bahia, the discipline of Bioethics is offered since 1994 at the Graduate Course of Medicine and Health. Recently, in 2005, the creation of the Nucleus of Bioethics in this Medical School opened the opportunity also for research in the area. At the State University of Feira de Santana, Bioethics began by the creation of a Nucleus of Bioethics in 1998 followed by the creation of disciplines in Biology and Nurse undergraduate courses as well as in the Master Degree Course of Community Health. Later, the establishment of a Ethics Committee on Human Research and a similar Committee on the Use of Animals were also stimulated by the Bioethics Nucleus.*

**Key-words:** Bioethics, Faculty of Medicine of Bahia, UFBA, UEFS.

A história da evolução do pensamento moral é mais antiga que seus próprios registros e faz parte da historicidade do ser humano. Povos pré-técnicos, em

diversas regiões da terra, desenvolveram formas de convívio nas quais estavam implícitas concepções do que era certo ou errado, bom ou ruim para a coletividade. A tradição dessas concepções morais permitia punir as transgressões com o objetivo comum de fortalecer a coesão entre todos e manter a unidade grupal. Prevalecia o interesse coletivo sobre os interesses pessoais. Nenhum povo pré-técnico fugiu à regra do auto-fortalecimento através de rigorosa observância aos próprios valores, tradições, princípios, ou seja, observância à própria Moral.

Recebido em 10/09/2006

Aceito em 20/12/2006

Endereço para correspondência: Prof. José Tavares-Neto.  
 Núcleo de Educação e Pesquisa Transdisciplinar em Bioética.  
 Faculdade de Medicina da Bahia/UFBA, Largo do Terreiro de  
 Jesus, Centro Histórico, 40026-010 Salvador – Bahia, Brasil.  
 E-mail: tavaneto@ufba.br.

**Gazeta Médica da Bahia**

2007;77: 1(Jan-Jul):19-30.

© 2007 Gazeta Médica da Bahia. Todos os direitos reservados.

Através dos séculos, grandes mudanças nos processos sociais, econômicos, artesanais e técnicos, trouxeram reflexos na moral prevalente, fazendo com que, sucessivamente surgissem uma moral escravista, feudal, burguesa, operária, moderna, etc. Na sociedade burguesa, dissociam-se os interesses do indivíduo e da coletividade. Todavia, ao longo dos séculos, sem se tomarem valores exclusivos de certa época ou de certa moral histórica, a humanidade foi preservando alguns princípios morais, como solidariedade, amizade, lealdade, honradez, etc., os quais se tornaram universais<sup>(30)</sup>.

O advento das reflexões filosóficas sobre a moral vem inspirando, da Grécia Antiga aos dias atuais, correntes de pensamento e teorias que ao longo da história procuram estudar e entender a Moral. Assim, surgiu, desde os períodos mais arcaicos da civilização grega<sup>(29)</sup>, e se firmou através dos séculos, uma nova ciência, denominada de Ética, cujo objeto de estudo é a Moral.

Nesse complexo cenário de evolução histórica de concepções da Moral e teorias da Ética, Vazquez<sup>(30)</sup> propõe-se a definir Moral como “um conjunto de normas, aceitas livre e conscientemente, que regulam o comportamento individual e social dos homens”; e Ética como “a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens na sociedade”. Deste modo, Moral é compreendida como o conjunto de princípios, valores e tradições prevalentes em qualquer sociedade, e Ética é o estudo da moral.

Até a metade do século XX, os progressos técnicos alcançados como produto da ciência moderna conseguiam, de certa forma, conciliar seu impacto social com a moral prevalente nas sociedades. Todavia, à medida que a ciência moderna compreendeu e dominou certos processos vitais do organismo humano: super tecnificou a assistência à saúde; inventou as UTIs; conseguiu intervir no prolongamento da vida; manipulou os transplante de órgãos; separou com sucesso o ato sexual do processo reprodutivo, inventando técnicas de reprodução “in vitro”; conseguiu alterar o DNA de células somáticas das pessoas e com possibilidades técnicas de fazê-lo em células germinativas, dentre muitos outros avanços. A partir desses marcos técnico-

científicos, foram surgindo novos conflitos de ordem moral, para os quais não existe, na sociedade, nenhuma tradição em resolvê-los.

Ao lado desses avanços técnico-científicos estão também ocorrendo mudanças nas sociedades atuais, caracterizadas pelo pluralismo cultural, pela cobrança de respeito às diversidades, pela vigilância das práticas profissionais e científicas, pelo reconhecimento da dignidade das pessoas, pela desconfiança das autoridades, entre outras<sup>(26)</sup>.

A confluência dessas mudanças sociais, do arrojado avanço da tecnologia, e da crescente consciência sobre a primazia da dignidade da pessoa humana na relação profissional-paciente, propiciaram, nas últimas décadas, o surgimento de uma nova ciência que busca refletir sobre todos os conflitos éticos em relação à vida, ou seja a Bioética.

Em artigo intitulado “Por que Bioética?”, Clotet<sup>(10)</sup> define a Bioética como “o estudo sistemático da conduta humana na área das ciências da vida e cuidado da saúde, enquanto essa conduta é examinada à luz dos valores e princípios morais”. O termo Bioética foi usado pela primeira vez em 1971, por Van Rensselaer Potter, em seu livro intitulado “Bioethics: bridge to the future”<sup>(27)</sup>. À essa época, o significado que Potter<sup>(27)</sup> atribuiu ao termo era como se a Bioética fosse uma ciência destinada a assegurar a vida no planeta. As repercussões a respeito da Bioética foram enormes e rapidamente o termo passou a ser usado como algo bem mais amplo, incluindo uma nova visão ética na relação entre pacientes e profissionais da saúde, entre esses profissionais e a sociedade, entre a sociedade e o ambiente, ou seja a ótica da relação com a natureza, a preservação ambiental, defesa de animais e o seu uso em experimentações, entre outros. Para alguns, a Bioética tornou-se muito mais que uma nova disciplina, transcende os limites de uma nova ciência, e chega mesmo a ser considerada um movimento<sup>(7,28)</sup>.

Para que uma nova idéia, como a Bioética, se desenvolva com tamanha força e rapidez, em quase todo o mundo, foi indispensável que tivesse sido antecedida por uma série de fatos que criaram o ambiente propício ao seu rápido e explosivo desenvolvimento. Ao analisar o nascimento e o

desenvolvimento da Bioética, Bernard<sup>(7)</sup> relembra uma série de congressos e colóquios internacionais nos quais biólogos, médicos, magistrados e políticos vinham discutindo suas interrogações e preocupações, inicialmente dispersas e que aos poucos foram se ordenando, fazendo com que o Colóquio de Asilomar, em 1974, e o I Congresso do Movimento Internacional da Responsabilidade Científica, realizado em Paris em 1976, se tornassem os marcos do desenvolvimento da Bioética. No ano seguinte, em 1977, é fundado na Sorbonne, por Robert Mallet, o Movimento Universal da Responsabilidade Científica<sup>(7)</sup>.

Ainda que o modo de desenvolvimento da Bioética apresente formas variadas em cada país, existem, todavia, bases fundamentais comuns em todo o mundo, representadas, de um lado, pela aliança entre médicos, biólogos, filósofos, teólogos, sociólogos, juristas e antropólogos, e do outro, pelos cidadãos comuns, não especializados mas conscientes dos problemas levantados pela Bioética<sup>(7)</sup>. Clotet<sup>(11)</sup> admite que o contato de pesquisadores e especialistas de países latino-americanos com centros pioneiros dessa nova ciência propiciou o desenvolvimento da Bioética na América Latina, a partir da década de oitenta do século XX.

## A Bioética na Bahia

Em maio de 1994, o jornal “A Tarde” (Salvador, Bahia) publicou o artigo intitulado “Bioética: dimensão e rumos”, de autoria da Profa. Eliane S. Azevêdo, o qual se constituiu na primeira divulgação científica sobre Bioética no Estado.

No segundo semestre de 1994, um de nós (José Tavares-Neto) propôs, ao Colegiado do Curso de Pós-graduação em Medicina Interna (CPgMI)<sup>a</sup>, da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB) da Universidade Federal da Bahia, ampla reforma curricular dos cursos de mestrado e doutorado com a inclusão das disciplinas “Bioética” e “História e

Filosofia da Ciência”, inicialmente para o curso de Doutorado, sendo ambas optativas. Em 1995, a disciplina “Bioética” foi ministrada, pela primeira vez, tendo como Professor-convidado o eminente bioeticista Joaquim Clotet (da Pontífica Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre); em 1996, os Profs. Joaquim Clotet e Eliane S. Azevêdo, conjuntamente, ministraram esse segundo curso no CPgMI. Nos anos subsequentes, o ensino dessa disciplina manteve-se sob a responsabilidade da Profa. Eliane S. Azevêdo. Mais recentemente, em 2005, o Colegiado do PPgMS, na gestão do Prof. Álvaro A. Cruz, transformou a Bioética em disciplina obrigatória para os cursos de Mestrado e de Doutorado.

Em outubro de 1994, o Hospital São Rafael foi, na Bahia, pioneiro em eventos acadêmicos em Bioética, organizando mesa-redonda sobre Bioética em comemoração ao Dia dos Médicos. No ano seguinte, 1995, esse mesmo hospital promoveu a 1ª Jornada de Ética Médica do Hospital São Rafael, discutindo vários temas de Bioética.

Ainda em 1994, por iniciativa do Prof. Ronaldo Jacobina, a disciplina “Introdução à Medicina Social” do curso de graduação em Medicina, do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Bahia - UFBA, passou a incluir no seu programa saberes de Bioética aplicados a essa área; inicialmente, constava da discussão do texto de Gioavanni Berlinquer “O direito à vida e a Ética da Saúde” e nos semestres subsequentes, até o presente ano, novos conteúdos foram introduzidos e nas atividades práticas há discussão sobre conflitos bioéticos e comitê simulado envolvendo questões sobre dilemas bioéticos. Na atualidade, a disciplina da graduação “Introdução à Medicina Social” no módulo de Bioética tem dois objetivos principais: “discutir as relações entre a Bioética, as práticas de saúde e a Medicina Social; e identificar com os alunos os possíveis conflitos bioéticos em contextos de assistência ou de investigação em saúde, discutindo os seus fundamentos e encaminhamentos” (Jacobina R: informação pessoal).

Em 1995, a Academia de Medicina da Bahia e a Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, sob a

<sup>a</sup> Posteriormente (1997) denominado de Curso de Pós-graduação em Medicina e Saúde (CPgMS) e, mais recentemente (2006), de Programa de Pós-graduação em Medicina e Saúde (PPgMS).

coordenação da Profa. Maria Theresa Pacheco, promoveram o Simpósio de Bioética, o qual contou com a participação de professores de outros Estados. Ainda em 1995, ocorreram dois programas de ampla divulgação científica, um na Rádio Excelsior, coordenado pelo Prof. Ronaldo Jacobina, e outro na TV Educativa, coordenado pela equipe do Programa Contexto, ambos entrevistando especialistas, sobre o que é Bioética.

Em maio de 1996, a Associação Brasileira de Enfermagem, Seção da Bahia, comemorou a sua 57ª Semana com uma conferência intitulada “Bioética e Pesquisa”. Em outubro de 1996, o Hospital Ernesto Simões comemorou o Dia do Médico com uma conferência sobre Bioética. Em novembro desse mesmo ano, no I Simpósio sobre a Epidemia da AIDS, realizado em Salvador, foi discutido o tema “Direitos do Paciente com AIDS: aspectos Bioéticos”. Ainda nesse ano, o Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Bahia/UFBA, juntamente com o Curso de Pós-graduação em Medicina Interna, convidaram o Prof. Michel Tibon-Cornillot, Pesquisador da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais de Paris, para ministrar seminários sobre Bioética para os alunos de graduação e de pós-graduação.

A partir de 1996, após aprovação pela Comissão Nacional de Saúde (CNS) da Resolução nº196 de 1996, e a subsequente criação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e respectivos Comitês de Ética em Pesquisa (CEP), oferecendo os instrumentos básicos para análise de projetos de pesquisa sob o ponto de vista ético, consolidou-se a importância dos saberes em Bioética tanto no ensino formal (graduação e pós-graduação), como em eventos científicos isolados. A exemplo, pode-se citar o Curso de Pós-graduação em Enfermagem Comunitária da Escola de Enfermagem da UFBA que em 1997 incluiu algumas aulas de Bioética em sua programação curricular. Nesse mesmo ano, o Programa de Internato da FAMEB, no Hospital Universitário Prof. Edgard Santos da UFBA, sob a coordenação do Prof. Heonir Rocha, passou a oferecer, na programação teórica, discussão de casos com conteúdos de Bioética.

Infelizmente, essa iniciativa não prosperou em virtude da saída do Prof. Heonir Rocha, para assumir o Cargo de Reitor da UFBA (1998-2002).

Em 1997, o curso de Bioética do CPgMI-FAMEB-UFBA despertou o interesse do mestrando Cláudio Lourenzo, levando-o a desenvolver sua Dissertação<sup>(19)</sup> sobre tema de Bioética tendo como Professor-orientador a Profa. Eliane S. Azevêdo, e o Prof. Joaquim Clotet como co-orientador. Paralelamente, a disciplina Deontologia e Discenologia Médica (MED-208), do Departamento de Anatomia Patológica e Medicina Legal, ministrada no curso de graduação em Medicina da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB)/UFBA e na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (EBMSP), sob a responsabilidade da Profa. Maria Theresa Pacheco e, posteriormente, pelo Prof. Antonio Nery Alves Filho, incluíram temas de bioética em seus conteúdos. Em 2002, o Prof. Antonio Nery Alves Filho criou no âmbito dos dois cursos médicos (FAMEB-UFBA e EBMSP) a “Associação de Acadêmicos de Medicina para estudo de Ética Médica e Bioética” (ACADEMÉTICA)<sup>(2)</sup>. Entre outras atividades de extensão da ACADEMÉTICA, recentemente foi proposto o Código de Ética do Estudante de Medicina<sup>(16)</sup>.

Não obstante esses progressos, os conteúdos sobre Ética Médica e Bioética oferecidos aos alunos de graduação em Medicina da FAMEB-UFBA ocorrem em fases muito precoces do curso médico. Assim, a partir da inserção no ciclo profissional e mais especialmente durante o Internato, o estudante de Medicina é pouco exposto aos conflitos éticos e bioéticos e, portanto, não têm oportunidades de reverem conhecimentos quando há maior experiência e vivências em campos de prática de assistência à saúde. Também por isso, no final de 2003, foi proposto o início da discussão do processo de transformação curricular e após as discussões preliminares, em 2004, a Diretoria da FAMEB e a Coordenação do Colegiado de Graduação em Medicina constituíram a Comissão Paritária, de Discentes e Docentes, para a elaboração do projeto preliminar de transformação curricular. Essa 1ª versão do projeto foi submetida a consulta pública ao longo do segundo semestre de 2004, entre os

membros da comunidade da FAMEB-UFBA, inclusive na “home page” da Faculdade. Após essa consulta pública, foi publicada a 2ª versão do projeto<sup>(18)</sup>, a qual foi discutida e ampliada pelos 47 Docentes do Programa de Alunos-especiais Docentes (PAED), do PPgMS-FAMEB-UFBA, e essa 3ª versão serve de base ao processo de transformação curricular, a ser iniciado em Fevereiro de 2007. Nesse novo currículo da FAMEB-UFBA, há os eixos de conteúdos ético-humanísticos, ao longo do 1º ao 8º semestres do curso médico<sup>(18)</sup>; durante o Internato do curso médico (9º-12º semestres), esses conteúdo também deverão ser abordados discutidos especialmente sob a discussão de casos. Dessa forma, os estudantes de Medicina terão oportunidades de conhecer, rever e discutir tópicos, de forma integrada, relacionados as Ciências Humanas (*e.g.*, Filosofia, Antropologia, etc.), História da Medicina, Ética Médica e Bioética. Desse modo, espera-se que o médico formado pela FAMEB-UFBA tenha “compromisso com a cidadania, nos planos individual e coletivo”, entre outras características descritas no plano político-pedagógico<sup>(18)</sup>.

Em 2006 o Prof. Cláudio Lorenzo, após Doutorado no Canadá com Tese na área da Bioética<sup>(20)</sup>, é aprovado no concurso público para Professor Adjunto do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Bahia da UFBA; e esse, juntamente com a Profa. Vera Formigli, escreveu o texto didático “Da Ética à Bioética: reflexões e tomadas de decisão nas práticas de saúde” (Salvador: DMP/FAMEB-UFBA, 2006), adotado pela disciplina “Introdução à Medicina Social”.

Observa-se que a diversidade de eventos sobre Bioética no Estado da Bahia, e mais especificamente em Salvador, foram quase sempre a partir de iniciativas isoladas, mas institucionalmente ou curricular, e até 1999 só houve a criação da disciplina Bioética no Curso de Pós-graduação em Medicina e Saúde da FAMEB-UFBA de natureza obrigatória.

Há alguns anos, a Universidade Católica de Salvador (UCSAL), vem oferecendo Curso de Mestrado em Ciências da Família do qual consta a disciplina de Bioética. Nesse curso, o advogado Antônio Fábio Medrado de Araújo defendeu

dissertação sobre tema de Bioética<sup>(1)</sup>, da qual resultou publicação similar. Atualmente a disciplina Bioética integra a matriz curricular do curso de Especialização em Citogenética, também da UCSAL. Não apenas na área da saúde, mas também na área de Direito, a Bioética vem sendo desenvolvida na Bahia. A partir de 2003, na Faculdade de Direito da UFBA há movimento crescente para a introdução sobre conteúdos de Bio-Direito no curso de graduação em Direito. Mais recentemente, em 2005, as Faculdades São Bento criaram Curso de Especialização em Bioética.

### **Bioética na UEFS**

Como parte da realização do XIII Encontro de Genética do Nordeste (ENGINE) em abril de 1998, no Campus da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia, a Professora Eliane S. Azevêdo propôs à então Presidente da Comissão Organizadora do evento e Diretora do Departamento de Ciências Biológicas/UEFS, Profa. Eneida de Moraes Marcílio Cerqueira, a criação de um Núcleo de Bioética nessa Universidade. Aprovada a proposta, a Profa. Eliane S. Azevêdo elaborou o projeto que foi apresentado ao Departamento de Ciências Biológicas. A solenidade de criação do proposto Núcleo de Bioética ocorreu durante o citado ENGINE contando com presença e conferência do Prof. Dr. William Saad Hossne, Presidente da Sociedade Brasileira de Bioética à época. Em janeiro de 1998, a Profa. Eliane fora contratada como Professora-visitante da UEFS assumindo a Coordenação do recém criado Núcleo de Pesquisa e Educação Transdisciplinar em Bioética do Departamento de Ciências Biológicas, tendo como Vice-Coordenadora a Profa. Eneida Cerqueira.

A percepção de que o Nordeste do Brasil e, em especial, a UEFS apresentavam à época, uma confluência de oportunidades, vantagens e demandas para o acolhimento de estudos e pesquisas na área da Bioética, nos níveis institucional, regional e nacional, respaldou a criação do referido Núcleo.

Do ponto de vista institucional a UEFS encontrava-se em pleno crescimento, abrindo espaços para novas

iniciativas. Além do que a oferta de cursos nas áreas de saúde e humana, demandariam a inclusão do ensino de Bioética em suas matrizes curriculares, como já ocorria em outras universidades do país.

Regionalmente, o fato de a UEFS estar situada no Nordeste e localizada no interior do Estado, a identifica com diferentes problemas regionais, em especial, ligados à saúde e às diferenças sociais, os quais merecem análise e formulações especiais em Bioética. Ao mesmo tempo, sua proximidade com a capital do Estado contribui para o estabelecimento de interação com instituições de ensino e pesquisa ali existentes.

Como atividade imediata do Núcleo de Bioética da UEFS, foi organizado um Grupo de Estudos de Bioética, congregando professores, pesquisadores, profissionais da própria UEFS e de diferentes instituições de Salvador (Departamento de Medicina Preventiva da FAMEB, UFBA e Hospital São Rafael), tendo como foco a reflexão, estudo, ensino e pesquisa em Bioética.

Ainda em 1998, a Coordenadora do Núcleo de Bioética da UEFS propôs aos setores competentes, a criação da disciplina Bioética destinada aos estudantes dos cursos de Ciências Biológicas e Enfermagem e Bioética e Genética, destinada aos estudantes do curso bacharelado em Ciências Biológicas com ênfase em Genética, ambas codificadas, respectivamente como BIO-132 e BIO-133 (também ambas com carga horária de 30 horas semestrais), lotadas no Departamento de Ciências Biológicas, na categoria de disciplinas optativas. Com a reformulação do currículo do curso de graduação em Ciências Biológicas, a partir de 2004, foi incluído, no segundo semestre, o Seminário Temático de Bioética para todos os estudantes do curso. A obrigatoriedade do ensino de Bioética (disciplina BIO-132) se fez presente, também, na matriz curricular do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas para professores do ensino médio e fundamental da rede pública estadual (Programa de Formação de Professores) iniciado em 2003.

Em 2001, percebendo a consolidação da interação com o ensino de graduação, o Núcleo de Bioética, propôs a inclusão da disciplina Bioética como optativa para o Curso de Mestrado em Saúde Coletiva.

Também cursos de pós-graduação *lato sensu* têm incluído a Bioética como disciplina optativa.

Em 2000, a UEFS, realizou concurso para o cargo de Professor Titular de Bioética, com a aprovação da Profa. Eliane S. Azevêdo, com a Tese “O Direito de vir a ser após o nascimento”, posteriormente editada pela Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre<sup>(5)</sup>. Este fato representou um novo impulso para a Bioética na UEFS contribuindo, assim, para o desenvolvimento da pesquisa na área e a formação de recursos humanos mediante orientação de alunos de Iniciação Científica (6), de monografia de conclusão de curso (3), de Especialização (1) e de Mestrado (2).

O eficaz apoio administrativo ao Núcleo de Bioética, assegurado pela UEFS, propiciou a efetivação de várias outras iniciativas na área da Bioética, tais como a criação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP-UEFS) em 2001 e, a seguir (2003), a criação do Comitê de Ética no Uso de Animais (CEUA-UEFS).

Com essas condições, o CEP-UEFS, devidamente instalado e registrado na CONEP, pôde concorrer em 2003 ao projeto “Fortalecimento Institucional de Comitês de Ética em Pesquisa” em convênio com o DECIT-MS-UNESCO cujo foco era a realização de Curso de Capacitação para Membros de Comitês de Ética em Pesquisa. O CEP-UEFS, com os recursos obtidos pelo projeto realizou dois cursos de capacitação (32 pessoas e 11 pessoas, nos primeiro e segundo cursos respectivamente). Além dos cursos de capacitação o CEP-UEFS tem desenvolvido oficinas de construção de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (I, II e III), por ser este documento uma das causas de maior pendência dos protocolos de pesquisa submetidos ao CEP.

Outra atividade realizada em cooperação do Núcleo de Bioética e CEP-UEFS, foi a institucionalização do Dia de Bioética a partir de 2002 (já realizados I, II, III, e IV). A partir do II Dia de Bioética deu-se início a publicações dos temas abordados, sob a forma de livro (II Dia de Bioética - editado em 2005 e III Dia da Bioética, editado em 2006). Encontra-se em fase de elaboração o livro do IV Dia de Bioética. Tais produções, organizadas pelos professores Eliane S.

Azevêdo e Nilo Reis, têm sido utilizadas como material didático em cursos de pós-graduação dentre outros destinos.

Em várias oportunidades, membros do CEP-UEFS atenderam convite de outras instituições (Universidade Federal de Sergipe; Universidade Federal do Acre; UNIME-Bahia; UNEB-Bahia; UESC-Bahia; UESB-Bahia; Universidade Federal de Goiás; UNIFESP-São Paulo; USP-Odontologia-São Paulo; USP-Ribeirão Preto) a fim apresentarem palestras sobre criação e desenvolvimento de atividades de um CEP.

Merece referência o entrosamento do curso de Enfermagem e o CEP, no que se refere as palestras sobre pesquisa em seres humanos, como componente do programa da disciplina Metodologia da Pesquisa em Saúde.

Em 2004, o Núcleo de Bioética da UEFS concorreu ao Edital Temático Saúde lançado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), com o projeto de pesquisa em Bioética intitulado “*Ética e Produção de Conhecimentos. A Pesquisa em Seres Humanos*” tendo a Profa. Eliane S. Azevêdo como coordenadora. Os recursos oriundos desse projeto contribuíram para melhoria das instalações físicas e ampliação do acervo bibliográfico do Núcleo da UEFS.

O interesse pela Bioética trouxe outros Professores para o Núcleo de Bioética (Professora Maria da Glória Sampaio Gomes, bióloga; Dalva Ornelas França, bióloga, e Nilo Reis, filósofo), assegurando, assim, a continuidade das atividades do Núcleo de Bioética da UEFS, tanto no ensino, como na pesquisa e na extensão. A partir de março de 2006, com a aposentadoria da Profa. Eliane S. Azevêdo, a Profa. Maria da Glória Sampaio Gomes vem coordenando o Núcleo de Bioética da UEFS e dando continuidade a todas as suas atividades, tendo como Vice-Coordenadora a Profa. Eneida Cerqueira.

Como se pode observar o Núcleo de Bioética da UEFS desde sua implantação até o presente ano atingiu os objetivos propostos mediante atividades relacionadas ao ensino (graduação e pós-graduação), pesquisa e extensão.

## Bioética na FAMEB e na UFBA

Em 2004, a Faculdade de Medicina da Bahia da UFBA volta a editar a *Gazeta Médica da Bahia*, criada em 1866, adotando em suas novas normas de publicação valores e princípios de proteção aos sujeitos de pesquisa. Além disso, o Conselho Editorial tem estimulado publicações em Bioética, bem como relato de casos na área da Bioética e da Deontologia Médica.

Em 2005, a Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia da UFBA aprova a proposta do Prof. José Tavares-Neto para criação do Núcleo de Pesquisa e Educação Transdisciplinar em Bioética da Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal Bahia o qual foi instalado mediante Portaria FAMEB nº 22/2005, de 13 de outubro do mesmo ano<sup>b</sup>. A implantação do Núcleo de Bioética da FAMEB-UFBA contou com auxílio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), destinado ao projeto de pesquisa “*Indicadores históricos sobre a relação pesquisador-paciente nas teses doutorais (1842-1928), e evidências entre ancestralidade negra e doenças*” e como apoio à instalação da sede do Núcleo na FAMEB, Largo Terreiro de Jesus, bem como iniciar duas linhas de pesquisa sobre “Direitos humanos e Etnia” e “Integridade Científica”. Desde sua criação o Núcleo de Bioética da FAMEB vem mantendo um grupo de estudo com programação quinzenal de atividades. No segundo semestre de 2006, além dos fundadores do Núcleo passaram a participar as médicas Nedy M. B. Cerqueira Neves e Márcia Andrade Pinho, e a bióloga Clarissa Cerqueira de Santana.

Os objetivos que nortearam a criação do Núcleo de Pesquisa e Ensino Transdisciplinar em Bioética, na Faculdade de Medicina da Bahia-UFBA, foram: inserir a FAMEB no cenário de institucionalização da Bioética no País; congregar professores, pesquisadores,

---

<sup>b</sup> Membros-fundadores: Cristina Maria Mascarenhas Fortuna, médica; Eliane Elisa de Souza e Azevêdo, bioeticista (Presidente); José Tavares-Neto, médico (Secretário-executivo); Jundiára Paim, bióloga; Josicélia Dumet Fernandes, enfermeira; Liliane Elze Falcão Lins Kustere, odontóloga; e Maria da Glória Sampaio Gomes, bióloga.

profissionais, especialistas e alunos dispostos à reflexão, estudo, ensino e pesquisa em Bioética; somar esforços, desenvolver competências e identificar vocações na construção do conhecimento transdisciplinar em Bioética; conhecer, através estudo de casos, a realidade regional e o contexto gerador de conflitos éticos na assistência à saúde em suas diversas modalidades; desenvolver, para fins de ensino, formas de abordagem às pessoas envolvidas em conflitos éticos na área da saúde, objetivando a construção conjunta de soluções, respeitando os valores morais e a dignidade da pessoa humana; elaborar programas e efetivar o ensino da Bioética nas áreas profissionais da UFBA onde for reconhecida a necessidade deste tipo de ensino; oferecer cursos de treinamento em Bioética, em especial a professores de primeiro e segundo graus; oferecer cursos de extensão a profissionais liberais da região; planejar e desenvolver projetos de pesquisa em Bioética, a partir da realidade e da experiência regional em questões de atenção à saúde, assistência médica, avanços tecnológicos, pobreza, preconceitos, marginalização, etc., analisados à luz da dignidade da pessoa humana; buscar formas de financiamento para projetos em educação e pesquisa em Bioética; divulgar em revistas de credibilidade científica e em congressos a produção científica e acadêmica do Núcleo; elaborar formas de divulgação de conhecimentos em Bioética para o grande público; interagir e apoiar os Comitês de Ética em Pesquisa do Estado da Bahia; e manter o Núcleo como local de referência em Bioética com acesso específico por meio da “home page” da FAMEB.

As justificativas para a criação do Núcleo de Bioética da FAMEB-UFBA são de âmbito institucional, regional e nacional. Institucionalmente, nessa última década a UFBA encontra-se em pleno percurso de crescimento em qualidade e capacitação; desse modo, o clima acadêmico que prevalece em uma instituição em arrojado desenvolvimento é sempre de abertura para novas iniciativas. Também, a UFBA oferece vários cursos nas áreas da saúde e de humanas, os quais, mais cedo ou mais tarde, deverão incluir o ensino da Bioética em suas programações didáticas, a fim de manter-se em sintonia com a situação acadêmica

observada nos países desenvolvidos. Por sua vez, o Núcleo de Pesquisa e Ensino Transdisciplinar em Bioética será o segundo no Estado da Bahia, sendo o primeiro criado em 1998 na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), conforme relato nesse mesmo artigo. Não existem dúvidas que, nos próximos anos, iniciativas similares ocorrerão em outras instituições da região, tal é o impulso que a Bioética vem recebendo no Brasil.

A Bioética em desenvolvimento no Brasil deverá revelar identidade com problemas nacionais específicos, além de lidar com problemas de bioética comuns aos países desenvolvidos. Assim, a inserção da UFBA nessa área oferece oportunidade ímpar para identificação e estudo de problemas específicos em bioética relacionadas à distribuição de assistência e bens de saúde, assim como o impacto da pobreza na percepção da dignidade das pessoas. Nessa linha, a Profa. Eliane S. Azevêdo escreveu e publicou, em 1994, artigo de divulgação intitulado “Debate sobre bioética deve abranger efeito da miséria”<sup>(3)</sup>, elaborou tese e dessa o livro<sup>(5)</sup> com o mesmo título, editado no Brasil e na Itália, sobre os efeitos da pobreza no cumprimento da programação genética da criança em desenvolvimento.

### Considerações Finais

No Brasil, nenhuma outra área do saber vive a inovação científica e acadêmica que a Bioética proporciona. É nítido, em Estados do sul do País, o entusiasmo de especialistas, das mais diversas áreas, de tornarem-se comprometidos com o ensino da Bioética em suas respectivas especialidades. A exemplo, tem-se o II Seminário de Bioética (setembro de 1997), em Botucatu (São Paulo), cujos participantes eram médicos, biólogos, fisioterapeutas, farmacêuticos, geneticistas, filósofos, teólogos, juizes, advogados, entre outros, todos convidados pela Sociedade Brasileira de Bioética, e muitos deles já envolvidos no processo de início do ensino da Bioética em suas respectivas universidades.

Em 2006, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq, criou o Comitê de

Bioética à semelhança daqueles de outras áreas de conhecimento mais tradicionais, tendo nesse mesmo ano aberto edital para financiamento a projetos de pesquisa em Bioética. Nesse mesmo período, entre as ações para desenvolvimento da Bioética no Brasil, e após a criação do Comitê de Bioética no CNPq, foi oferecida a primeira bolsa a Pesquisador desse nova área do CNPq<sup>c</sup>.

Assim, a Bioética no Brasil passou a contar com apoio governamental específico ao desenvolvimento de suas atividades. Outro fato digno de registro, ocorreu em 2005, quando a Universidade São Camilo em convênio com a USP criou o primeiro Curso de Mestrado em Bioética, no Brasil.

Está evidente que os novos conhecimentos sobre a vida e a natureza estão gerando técnicas com arrojado poder de manipulação do ser humano. Também, o crescente uso dessas técnicas está revelando o descompasso entre o progresso da tecnologia e a maturidade das reflexões morais sobre suas consequências, as quais geraram o próprio nascimento da Bioética.

A cada dia, mais consciente está a sociedade sobre os direitos da pessoa humana<sup>(8)</sup>, e, mais vigilante e exigente sobre a competência e a ética da prática profissional nas áreas que lidam com a vida. Para profissionais médicos, odontólogos, enfermeiros, biólogos, fisioterapeutas, farmacêuticos, advogados, entre outros, por melhor que seja sua competência técnica, por melhor que seja a qualidade do curso no qual obtiveram seus diplomas, não serão suficientes para assegurar-lhes o sucesso profissional, se ao lado da formação técnica não lhes seja ministrada, também, uma boa formação bioética. Países de primeiro mundo que, tradicionalmente, na área médica pagam seguros para a cobertura de possíveis falhas na prática profissional, estão reconhecendo que, devido à rigorosa vigilância da sociedade, os valores cobrados pelas seguradoras tornaram-se exorbitantes, forçando os médicos à busca de conhecimentos de bioética como forma de proteção ao exercício de suas atividades. Dessa forma, para profissionais do início

deste século e mais ainda para aqueles das próximas décadas do século XXI, a Bioética apresenta-se como um tipo de conhecimento indispensável.

Idéias, reflexões e análises que ofereçam padrões do que é bom e do que é ruim, do que é certo e do que é errado, à luz dos valores morais vigentes, estão se tornando parte integrante da formação profissional nas universidades, inclusive no Brasil.

Profissionais da área da saúde estão sempre tomando decisões nas quais está em jogo a vida das pessoas. Logo, é fundamental e indispensável que as universidades também ofereçam treinamento específico para o reconhecimento de conflitos éticos, análise crítica de suas implicações, uso do senso de responsabilidade e obrigação moral ao tomar tais decisões<sup>(13)</sup>. Por exemplo, a tradicional imagem do médico beneficente, na qual repousava a absoluta confiança de que suas decisões eram única e exclusivamente em benefício do paciente, ainda que tomadas sem consultá-lo, estão sendo substituídas pelo exercício do respeito à autonomia do paciente (princípio da autonomia em Bioética), ou seja da sua participação nas decisões médicas em relação à sua doença, sua saúde e à sua vida.

O crescente número de cursos de Bioética em universidades americanas, latino-americanas, canadenses, australianas, européias e também brasileiras está propiciando não apenas o ensino da Bioética nos cursos de graduação, de aperfeiçoamento/especialização mas também, em algumas delas, a oferta de formação acadêmica específica com titulação em mestre e doutor em Bioética. Ainda que, em países do primeiro mundo, o ensino da Bioética esteja voltado, principalmente, para problemas éticos gerados pela aplicação de novas tecnologias, no Brasil, os problemas bioéticos têm maior amplitude. A diversidade social, econômica e ambiental prevalente no País, bem como suas desigualdades<sup>(6)</sup>, fazem com que, ao lado dos problemas advindos dos avanços tecnológicos, persistam problemas nacionais específicos. A depender da unidade de ensino (saúde, medicina, biologia, filosofia, direito, etc.), ou região do País onde se instalem cursos de Bioética, é importante que problemas brasileiros<sup>(4 19 21)</sup>, tanto quanto problemas pertinentes

<sup>c</sup> Um de nós (ESA) é membro desse Comitê do CNPq, e sua primeira pesquisadora 1A.

aos avanços da tecnologia, sejam analisados à luz dos valores morais prevalentes na sociedade brasileira.

No entanto, a Bioética é mais que uma disciplina, é também mais que Ética Médica, e talvez não seja apenas uma Ética Aplicada. Conseqüentemente, como ensinar Bioética é o desafio pedagógico da atualidade. Em artigo intitulado “Promover o Ensino da Bioética no Mundo”, Lenoir<sup>(17)</sup> alerta: “Se o escopo da Bioética deve ser multidisciplinar, resta saber se é preferível tê-la dentro de uma formação disciplinar clássica - com o educador encarregado, responsável por recorrer às competências de outros participantes, segundo as modalidades que ele pode definir - ou se deve constituir uma nova disciplina por inteiro”. Nesta última hipótese, se coloca o problema da concepção da formação a ser usada pelos futuros professores de Bioética.

A magnitude do desafio exige reflexões sobre dois aspectos essenciais, discutidos a seguir: primeiro, a busca por uma concepção pedagógica que melhor responda às exigências da Bioética; segundo, a concepção dos fundamentos filosóficos da Bioética tanto nos países anglo-americanos como europeus.

A Bioética, à semelhança da Genética, desenvolveu-se em contexto caracterizado pela confluência de saberes de várias disciplinas e em plena era da ciência moderna. Estas semelhanças facilitam a percepção da transdisciplinaridade que permeia o conteúdo de conhecimento científico tanto em Genética como em Bioética, e voltarão à discussão adiante, no presente texto.

Ainda que a divisão do conhecimento em disciplinas seja arbitrário (o objeto da ciência é a natureza que em si é única e indivisível), cientistas e educadores foram, no passado, e continuam sendo no presente, herdeiros de uma cultura que identifica as disciplinas como algo inerente ao conhecimento científico. Conseqüentemente, os saberes existentes na interface das disciplinas, apresentam difícil consolidação por pertencerem a áreas, supostamente, diferentes<sup>(9 14 15 17)</sup>. Assim, surgiram termos e conceitos que, na encruzilhada das disciplinas, procuram sistematizar suas imbricações. Para Felice *et al.*<sup>(12)</sup>, os termos multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, e transdisciplinaridade devem ser entendidos do seguinte modo: multidisciplinaridade ou pluridisciplinaridade –

consiste na simples justaposição de disciplinas e nenhum pressuposto de ligação entre elas é exigido; interdisciplinaridade - requer o conhecimento do conceito de cada disciplina envolvida a fim de integrá-las; e transdisciplinaridade - requer uma unificação conceitual entre as disciplinas.

Na elaboração geral de cursos e currículos, a multidisciplinaridade é a forma mais simples e freqüentemente usada em qualquer parte do mundo. A interdisciplinaridade, por sua vez, é um pouco mais difícil, porém é a marca de certas áreas do saber como a biologia, química, física, etc. Já a transdisciplinaridade, é considerada extremamente difícil de ser alcançada devido à ausência de conhecimentos profundos em mais de uma disciplina prevista para integração; mas é oportuno acentuar que toda esta dificuldade decorre, exatamente, da tradição histórica de produzir e transmitir conhecimento em “pacotes” chamados disciplinas os quais mascaram a unicidade da ciência.

Hoje, ao perceber-se que para ser bioeticista precisa-se também ser biólogo, médico, filósofo e jurista, está-se apenas repetindo observação semelhante feita por Herbert Muller em 1922 em relação à Genética: “Devemos nós geneticistas sermos também bacteriologistas, fisiologistas, químicos e físicos sendo simultaneamente zoólogos e botânicos?”. A resposta foi dada pelo próprio Muller, nesse mesmo trabalho<sup>(22)</sup> publicado no *American Naturalist*: “Espero que sim”. E o tempo confirmou a intuição de Muller e a transdisciplinaridade da Genética. A diferença pedagógica entre o que ocorreu na Genética, no início do século passado, e o que ocorre hoje com a Bioética é que o reconhecimento da transdisciplinaridade em Genética foi privilégio de poucos, enquanto que em Bioética a transdisciplinaridade já se constitui, em países europeus, uma proposta de concepção didática<sup>(24 25)</sup>.

Nessa mesma linha de pensamento existe quem admita ser a Bioética o protótipo do conhecimento interdisciplinar<sup>(23)</sup>. Por outro lado, alguns educadores, compreendendo a complexidade do ensino da Bioética, reconheciam, há dez anos, a possibilidade de adiar-se a definição de uma concepção didática, nesse estágio, contanto que o objetivo do ensino cumpra a sua finalidade de fazer com que os alunos tenham a capacidade de

articular as diferentes visões disciplinares<sup>(17)</sup>. Atualmente, todavia, não apenas propostas pedagógicas são apresentadas e discutidas, mas também métodos de pesquisa em Bioética constituem um outro desafio dessa nova área de conhecimento.

A Bioética é, reconhecidamente, um saber diferente que exige práticas pedagógicas específicas e múltiplos métodos de pesquisa. A diversidade de saberes que constitui a Bioética e o seu objetivo didático de abrir horizontes à percepção de responsabilidades morais traduzem sua unicidade. Atingir esse objetivo será extremamente difícil através da transmissão de conhecimentos de forma compartimentada, ministrados por vários professores com diversos tipos de formação, originários de diferentes áreas, e, às vezes, sem compromisso acadêmico com a própria finalidade de ensinar Bioética. É fundamental que, pelo menos, um ou mais professores, diretamente responsáveis pelo ensino da Bioética, domine o conceito de cada disciplina envolvida (interdisciplinaridade) ou melhor ainda, consiga, com esforço e tempo perceber, a unificação conceitual entre estas disciplinas e conheçam seus conteúdos. Sem essa unificação conceitual, os trabalhos com a Bioética muito dificilmente resultarão em ensino eficaz.

Por outro lado, a pesquisa em Bioética ainda que em grande parte teórico-conceitual, abrange também pesquisas na área do direito e da justiça, pesquisas empíricas, sejam qualitativas ou quantitativas, estudo de caso, narrativas históricas, entrevistas, observação participante e pesquisa etnográfica ou a combinação de mais de uma abordagem metodológica em um mesmo projeto.

## Conclusões

A fase atual de desenvolvimento da Bioética no Brasil está a exigir ações institucionais concretas, traduzidas pela implantação de estruturas acadêmicas (núcleos) que propiciem a confluência de especialistas para intercâmbio de saberes, construção e aplicação de idéias ao ensino, pesquisa e educação em Bioética no País. Por tratar-se de uma nova área de conhecimento, com menos de quatro décadas de

existência, a Bioética se constitui em forte apelo à geração atual de professores de ciências da vida (biologia, genética, medicina, enfermagem, odontologia, farmácia, etc.) e de ciências humanas (filosofia, teologia, antropologia, direito, etc.).

Também deve ser considerado que em raras oportunidades, na história do conhecimento, professores, pesquisadores e estudantes puderam acompanhar o surgimento de uma nova área de saber, estudar as circunstâncias deste surgimento e contribuir para o seu avanço, como ocorre hoje com a Bioética. Além disso, no caso específico da Bioética, a contribuição ao seu desenvolvimento é independente do potencial técnico-científico de países de primeiro mundo, porque a Bioética não depende de equipamentos ou aparelhagens técnicas sofisticadas, como ocorre em muitas outras áreas. Para desenvolver a Bioética precisa-se tão somente de mentes humanas, dispostas a experimentar, em plenitude, esta oportunidade que a história da ciência oferece àqueles que estão vivendo este terceiro milênio. Qualquer país ou região, poderá, e deve, dedicar-se à Bioética buscando construir um saber com identidade própria, bem informado sobre o que ocorre no primeiro mundo, porém buscando ser livre de cópias e imitações.

Com esta concepção e tendo também em mente o que foi apresentado nas partes iniciais deste documento, percebe-se que no Estado da Bahia e em especial na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e na Universidade Federal da Bahia, existem confluência de oportunidades, vantagens e demandas para implantação de Núcleos de Bioética, como os já existentes na UEFS e, mais recentemente, na FAMEB-UFBA.

**Nota dos Autores:** partes do presente texto compõem os projetos para implantação dos Núcleos de Bioética da URFS (1998) e da FAMEB-UFBA (2005), aos quais os autores deste artigo são também autores e têm ligações institucionais com os mesmos.

## Referências Bibliográficas

1. Araújo AFM. Fundamentos de Antropologia Bioética. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de Salvador, 2004.

2. Athanazio R, Lemos K, Fonseca D, Cunha M, Braghiroli MI, Almeida A, Nunez GR, Ramos AC, Barbetta M, Bittencourt A, Lordelo M, Rocha IM, Soares A, Neves N, Nery Filho A. Acadêmica: um novo método de estudo sobre Ética Médica e Bioética. *Revista Brasileira de Educação Médica* 28: 73-78, 2004.
3. Azevêdo ES. Debate sobre bioética deve abranger efeito da miséria. *Caderno MAIS*. In: Folha de São Paulo, p. 6, de 16 de outubro de 1994.
4. Azevêdo ES. A Intedisiplinaridade na Ciência O Modelo da Genética. In: Anais da 49ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) 1: 113-115, 1997.
5. Azevêdo EES. Direito de vir a ser após o nascimento. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2000.
6. Azevêdo E, Tavares-Neto J. Black identity and registries in Brazil: a question of rights and justice. *Eubios Journal of Asian and International Bioethics* 16: 22-25, 2006.
7. Bemard J. Da Biologia à Ética. Bioética. Livraria Editora e Promotora de Eventos: Campinas (São Paulo), 1990.
8. Bobbio N. A Era dos Direitos. Campus: Rio de Janeiro, 1992.
9. Bruhn JG. Beyond disciplin: creating a culture for interdisciplinary research research. *Integrated Physiological Behavior Science* 30: 331-341, 1995.
10. Clotet J. Por que Bioética? *Bioética* 1: 13-19, 1993.
11. Clotet J. A Bioética: uma ética aplicada em destaque. A Saúde como desafio ético. In: Anais do I Seminário Internacional de Filosofia e Saúde, Florianópolis (SC), p. 115-129, 1994.
12. Felice J, Giordan A, Souchon C. Interdisciplinary approaches to environmental education. *Environmental Education Series*, no. 14, Paris, LINESCO-UNER, 1985.
13. Hossne WS. Competência do Médico. In: Bioética. EDUSP: São Paulo, p. 74-87, 1995.
14. Huff F, Garola G. Potencial patterns conceptual and practical issues in interdisciplinary education. *Journal of Allied Health* 24: 359-365, 1995.
15. Jacobi P. Os desafios da Interdisciplinaridade. A Experiência do PROCOCOM. In: Anais da 49ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) 1: 121, 1997.
16. Lemos K, Neves N, Athanazio R, Lordelo M, Bittencourt A, Neves FS, Boaventura C, Nery Filho A. Proposta de Código de Ética dos Estudantes de Medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia* 75: 133-142, 2005.
17. Lenoir N. Promover o Ensino da Bioética no Mundo. *Bioética* 4: 65-70, 1996.
18. Lorene LLS, Grupo de Trabalho, PAED. Segunda versão do Projeto de Transformação Curricular da Faculdade de Medicina da Bahia (FAMEB): revisão da proposta preliminar, Agosto de 2005. *Gazeta Médica da Bahia* 75: 195-218, 2005.
19. Lorenzo CFG. Estudo da atenção da Bioética no Brasil e sua aplicabilidade em uma realidade brasileira. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-graduação em Medicina e Saúde, FAMEB-UFBA, 1998.
20. Lorenzo CFG. La vulnerabilité sociale en recherche clinique en Amérique Latine: une étude du potentiel protection conféré par les documents normatifs de la région. Thesis, Université de Sherbrooke, Quebec, Canadá, 2006.
21. Marques MB. A Bioética na Política Pública do Brasil. *Bioética* 4: 145-158, 1996.
22. Muller HJ. Variaton due to change in |the individual gene. *American Naturalist* 56: 32-50, 1922.
23. Pasetti C. The teacting of bioethics to the heath team: the neurologist role. *Medicine and Law* 14: 87-91, 1995.
24. Patrão Neves MC. A Fundamentação Antropológica da Bioética. Congresso de Bioética da América Latina e Caribe, São Paulo, 1995.
25. Patrão Neves MC. A Fundamentação Antropológica da Bioética. *Bioética* 4: 7-16, 1996.
26. Pelegrino ED. La relación entre la autonomia y ia integridad en la ética médica. *Boletín de la Oficina Sanitaria Panamericana* 108: 379-390, 1990.
27. Potter VR. Bioethics: bridge to the future. Prantice-Hall Englewood Cliffs: New Jersey, 1971.
28. Rothman D. Strangers at the bedside: a history of how law and bioethcis transformed medical decision making. Basic: New York, 1991.
29. Silva FL Breve Panorama Histórico da Ética. *Bioética* 1: 7-11, 1993.
30. Vasquez AS. Ética. Civilização Brasileira: São Paulo, 1992.